



Zé Espinguela e Villa Lobos em um ensaio do “Sodade do Cordão” grupo carnavalesco fundado por Villa Lobos que tinha Zé Espinguela como grande colaborador

José Gomes da Costa também chamado **Zé Espinguela** (Rio de Janeiro, 1890-1945), foi um jornalista, escritor, pai-de-santo e sambista carioca, integrante do Bloco dos Arengueiros, fundador da Estação Primeira de Mangueira e organizador do primeiro concursos entre sambistas em 20 de janeiro de 1929.

Contam que a primeira competição entre sambistas que se tem notícia aconteceu na casa de um mulato jongueiro e pai-de-santo, chamado José Gomes da Costa, mais conhecido pela alcunha de **Zé Espinguela**. Figura lendária do samba carioca, morador de Engenho de Dentro, mas assíduo frequentador do Morro de Mangueira, fundou no ano de 1925 o “**Bloco dos Arengueiros**” ao lado de **Cartola**, **Carlos Cachaca**, e outros bambas.

Desse encontro, originou-se em 1928 – três anos depois – o **Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira**. Foi em uma reunião ocorrida no dia 28 de abril de 1928, no Buraco Quente (Travessa Saião Lobato nº 21), na casa de seu Euclides da Joana Velha, que nasceu um dos maiores celeiros de bambas do Rio de Janeiro. Seus fundadores: Seu Euclides (Euclides Alberto dos Santos), Saturnino Gonçalves, Marcelino José Claudino – o Maçu, Cartola, Pedro Caim, Abelardo da Bolinha e Zé Espinguela.



Juvenal Lopes, um antigo mestre sala da Escola de Samba Deixa Falar, integrante da União do Estácio e que foi diretor da Mangueira durante os anos 60, fala sobre Zé Espinguela:

“Ele organizou um concurso na sua casa do Engenho de dentro, na rua Borja Reis. Compareceram representantes do Estácio, da Mangueira, de Oswaldo Cruz e da Favela. Me lembro que o pessoal do Estácio foi desclassificado porque apareceu de gravata e flauta. Foi até o Benedito Lacerda que apareceu com a flauta.

No jornal “A Nação”, de 1 de março de 1935 (ano em que o desfile das escolas na Praça Onze passaram a ser oficialmente parte do programa de carnaval da prefeitura do Rio), Zé Espinguela confirma a veracidade do evento e também fala sobre a vencedora:

“Eu fui o primeiro organizador de concursos entre as nossas escolas. Foi em 1929. Realizei no Engenho de Dentro. Sagrou-se vencedora a Portela (na época Vai Como Pode), sabiamente dirigida pelo Paulo. Mangueira também apresentou-se pujante, tendo os seus sambistas Cartola e Arthurzinho apresentado dois sambas monumentais: “Foram beijos” e “Eu quero nota”.

Heitor dos Prazeres (autor do samba vencedor) conta que, apesar da portela ter sido escolhida como vencedora, Zé Espinguela teve de distribuir troféus a todas as escolas pra não haver confusão...



Espinguela foi amigo íntimo de Villa-Lobos, a quem, em 1940, Leopoldo Stokowski solicitou que reunisse os mais representativos artistas de música popular brasileira, para gravação de músicas que seriam apresentadas em um Congresso Pan-Americano de Folclore.

Villa-Lobos então convocou, além de seu amigo Espinguela, Pixinguinha, Cartola, Donga e João da Baiana. Em uma única noite em agosto de 1940, foram registradas, a bordo do navio Uruguai, quarenta músicas entre as quais haviam seis composições de Zé Espinguela. Dessas, apenas dezesseis chegaram ao disco, sob o título **Native Brazilian Music – Leopold Stokowski**. Zé Espinguela emplacou três:

CANTIGA DE FESTA (Donga, José Espinguela - José Espinguela (Canto)
Grupo do Pai Alufá (Diversos)

MACUMBA DE INHANÇAN (previamente nomeada “Camandauê”)
(Donga, José Espinguela - José Espinguela (Canto)
Grupo do Pai Alufá (Percussão)
Grupo do Pai Alufá (Coro)

MACUMBA DE OXÓSSI
(Donga, José Espinguela - José Espinguela (Canto)
Grupo do Pai Alufá (Percussão)
Grupo do Pai Alufá (Coro)

Espinguela morreu cedo, em 1944, com aproximadamente 60 anos. Como grande poeta, sentindo que seu caminho estava chegando ao fim, Zé Espinguela profetizou a própria morte, e eternizou em versos seu amor pela Mangueira, escola que ajudou a fundar.

Dona Neuma, figura lendária da Mangueira, conta que ao pressentir a própria morte, Espinguela quis se despedir das coisas que tanto gostava na vida. Reuniu os filhos-de-santo, todos a caráter, foram para a ponte da Mangueira e se "armaram". Segundo Dona Neuma, era tarde da noite e só se podia ouvir um surdo lento e os versos de um samba.

Segundo Arthur de Oliveira, ele "reuniu os adeptos do centro religioso e dirigiu-se ao morro da Mangueira para despedir-se do seu reduto preferido. Lá chegaram no princípio da noite. A favela, de luzes apagadas, descansava da trabalhadeira do dia. Eis que surge o grupo, em cortejo pelos becos e ruelas, cantando um samba que Espinguela compôs especialmente para o momento. Era como um samba-enredo. Desfilavam, dançavam e cantavam, com o ritmo alegre, a melodia triste, e as vozes alvissareiras das pastoras. Os barracos aos poucos se acenderam. Os negros foram abrindo as janelas e o morro transformou-se num céu no chão, iluminado, silencioso e reverente. A voz de Espinguela dominava o coro: a favela compartilhava da cerimônia do passamento do seu sambista



Ze Espinguela e Grupo do Pai Alufá